

«AS QUALIDADES DE ADAPTAÇÃO PASSIVA DO COLONIZADOR PORTUGUÊS NA BAHIA DO PRIMEIRO SÉCULO»

CARLOS EDUARDO DA ROCHA
Assistente de «Estudos Brasileiros»

A despeito da capacidade ativa, modificadora, dos colonizadores portugueses, sobejamente comprovada com a imposição dos seus próprios elementos culturais espalhados pelo mundo inteiro, talvez a capacidade passiva, aquela de adaptação, de receber tão bem os elementos novos das regiões descobertas, tenha sido o fator de maior sucesso para a colonização.

A função de colonizar exige dos povos que descobrem ou conquistam regiões inexploradas, determinadas qualidades necessárias à valorização e ocupação econômica da nova área.

Em termos de Geografia Humana, essas qualidades, são umas relativas à capacidade de adaptação passiva e outras capacidade de adaptação ativa, modificadora. (1)

A tarefa de colonizar consiste em transferir para a nova área os elementos culturais que vão operar em novo meio natural, em outras condições de clima, em solo diferente.

A aplicação de técnicas novas e adequadas às condições tropicais, o verdadeiro âmbito da colonização de Portugal, muito contribuiu para a pronta valorização econômica das áreas descobertas, como é o caso do Brasil, no ciclo do açúcar, mas o aproveitamento dos elementos materiais da cultura indígena, pelos portugueses, lhes assegurou de logo meios de subsistência, de adaptação ao clima, de povoamento e de dominação.

Logo ao primeiro contato com a nova terra, foram os portugueses atraídos com verdadeiro fascínio por tudo o que

(1) Holandêses e Portugueses — Mario Lacerda de Melo — Edit. Nordeste. Recife 1952.

representava a descoberta de gente, árvores, bichos, hábitos e costumes diferentes.

Aquêles dois moços da armada de Cabral, que segundo Southey (2) desertaram escondendo-se na praia, tentados pela perspectiva de liberdade e ociosidade da vida selvagem de que apenas haviam visto a superfície, foram os primeiros portugueses a se entregar, voluntariamente à grande aventura da vida tropical na Bahia.

Em que pezem os impulsos da mocidade, o apêlo irresistível do sexo despertado pela visão paradisíaca das índias núas que para o escrivão Pero Vaz Caminha (3) “pareceu-lhes até ver naquilo alguma coisa de mais belo do que a que se acostumaram em sua terra natal, visto que entre aquelas moças apareceu-lhe uma “tão bem feita e tão redonda e sua vergonha que ela tinha tão graciosa que nem causam pudor ao cristão fervoroso, pôsto que eram tão altas e tão çaradinhas e tão limpas das cabeleiras que de a nós muito olharmos não tínhamos nenhuma vergonha”.

Pero Vaz Caminha traduz no seu entusiasmo o sentimento dos companheiros da descoberta o que justifica a decisão dos desertôres de se abandonarem à terra nova, de romperem com todo o passado, de enfrentar a solidão definitiva, revelando de logo a disposição do português para aceitar o novo, exótico, o selvagem da terra recém-descoberta.

A êsses dois marinheiros da frota de Cabral cujos destinos se perderam na crônica ignorada dos primeiros tempos, seguiram-se tantos outros, dos quais conhecemos a capacidade de adaptação às novas condições de vida, pela sobrevivência entre os selvagens, e pela aceitação dos seus hábitos e costumes, adotados as vêzes com tanto ardor, que superam até mesmo os mais importantes elementos da cultura européia, tais como o fetichismo, a poligamia e até mesmo a antropofagia, que se não foi praticada, foi tolerada e até mesmo incen-

(2) História do Brasil — Roberto Southey — Tradução de Luiz Joaquim de Oliveira e Castro anotada por J. C. Fernandes Pinheiro — Ed. Livraria L. Garnier — 1862 — pág. 35.

(3) Almir Andrade — Formação da Sociologia Brasileira — Vol. I Livraria José Olímpio Editora — pág. 187.

tivada, no interesse pessoal, como é o caso do Clérigo que tanto escândalo causou ao Padre Nóbrega (4).

Dos outros dois portugueses que ficaram em Pôrto Seguro, os dois degredados a que faltou ânimo quando chegou o momento decisivo e lamentavam a sua sorte com vozes tão sentidas, um dêles contudo viveu para voltar a Portugal e servir mais tarde como intérprete n'aquelas partes. (5)

Dêste, está provado a sobrevivência entre os índios, como se vê das anotações do Cônego J. C. Fernandes Pinheiro à História do Brasil de Southey, acentuando que o grande historiador havia coligido materiais relativos ao Brasil, de que já se não encontram vestígios. (6)

Resta-nos imaginar como foram os seus dias, anos, ou décadas entre os tupinambás, como aceitou os elementos da cultura indigena, como se adaptou a êles, participando das suas guerras, dançando nas grandes festas da tribo e sofrendo dos seus terrores, amando as suas mulheres, vendo nascer os filhos, os primeiros rebentos iniciadores da grande micigenação.

De Diogo Alvares Correia, pelas circunstâncias de como veio à Bahia, como náufrago de um navio possivelmente francês, teria naturalmente para sobreviver, de adaptar-se à vida dos Tupinambás.

Vivendo entre êles, muito ao modo dos mesmos, sem no entanto abandonar as suas ligações com o mundo europeu por meio dos civilizados que por aqui apareciam freqüentemente, pois sabemos que o Caramurú foi praticamente um agente dos franceses no tráfico com os índios, ajudando o contrabando do pau de tinta.(7)

E apesar de ter retornado a Europa com seus amigos franceses, levando a índia com quem vivia e que foi batizada em Dieppe (8) é justamente por êsses contatos freqüentes

(4) Cartas Jesuíticas — Manoel da Nóbrega — Pág. 108 — Publicação da Academia Brasileira de Letras.

(5) Southey — Obra citada — Pág. 35.

(6) História do Brasil — Southey.

(7) Thales de Azevedo — Povoamento da Cidade do Salvador — Publicação da Prefeitura Municipal do Salvador 1949 — Pág. 65.

(8) Obra citada — Pág. 81 — Thales de Azevedo.

com europeus e por ter desprezado as várias oportunidades que teve de voltar, que acreditemos, se deixava ficar aqui pelo gôsto da vida nova que já aceitava de tal modo, que até os tabús dos índios foram incorporados à sua cultura de europeu. Atribui-se-lhe o costume de não comer cabeça de coisa viva por motivo de uma promessa feita a S. João Baptista, mas como bem explica Thales de Azevedo, (9) pode ser ou simples racionalização ou reinterpretação do tabú frequente entre os índios, segundo o qual não é permitido comer certos animais ou suas cabeças, sinão depois que o bari ou pagé os exorcisa mordendo-lhes a cabeça.

A aldeia em que vivia Diogo Alvares Correia com sua mulher e filhos, era em 1535, de acôrdo com a descrição de Oviêdo um dos típicos conjuntos das grandes habitações dos tupinambás.

A sua descendência de dez filhos, e só os últimos, no dizer de Thales de Azevedo, daquela que viria a ser sua esposa depois de batizada, demonstra a aceitação do possível regimen da poligamia dos tupinambás.

A sua posição de *grande língua*, que lhe valeu a salvação quando do naufrágio com Pereira Coutinho revela ainda a sua situação de igual entre os selvagens de Itaparica que mesmo ao encontrá-lo em meio ao inimigo, pouparam-lhe a vida, como descreveu Gabriel Soares de Souza (10) “e querendo entrar pela barra a dentro, lhe sobreveio muito vento e tormentoso, que o lançou sôbre os baixios da Ilha de Itaparica, onde deu à Costa; salvou-se a gente tôda dêste naufrágio, mas não das mãos dos Tupinambás que nesta Ilha habitavam, os quais se ajuntaram, e à traição mataram a Francisco Pereira e a gente do seu caravelão, do que escapou Diogo Alvares com os seus, com boa linguagem”.

Como Caramurú, durante o período obscuro dos primeiros tempos e até mesmo depois da chegada de Tomé de Souza, muitos homens de Portugal, aceitaram, procuraram e preferiram a vida ao modo dos indígenas.

(9) Thales de Azevedo — obra citada.

(10) Gabriel Soares de Souza — Notícias do Brasil — Capítulo XLIII — Pág. 327 — Edição da Livraria.

É bem expressivo o trecho da carta de João Melo Câmara a D. João III oferecendo-se para colonizar o Brasil. “Eu quero servir sem gastar de sua fazenda nenhuma cousa, e porque omens comygo hão de ir são de muita sustancya e pessoas muy abastadas e que podem cõsigo levar muitas egoas, cavallos e gados e todallas cousas necessarias para frutyficamento da terra e são tais que para consquistarem sujigarem em nenhuma parte saberia buscar outras que mais para isso fossem e nã são omens que estimen tão poucuo o serviço de vossa alteza e suas honras que se contentem com terem quatro indias por mancebas e comerem dos mantimentos da terra como faziam os que della agora vieram, que esses são os que lla querem tornar por moradores”.

A proposta de João Melo Câmara não obteve andamento e permitiu a Capistrano de Abreu considerar uma expressão lapidar para resumir mais de 30 anos da História do Brasil que continuou entregue aos homens que se contentavam “com terem quatro indias por mancebas e comerem dos mantimentos da terra”. (11)

Além dos portuguêses até agora apontados, marinheiros, soldados, degredados, náufragos, vamos encontrar também entre as elites dos colonizadores, os Jesuitas, os nobres, Governadores, os Senhores de Engenho, a mesma atitude de atração, sedução, e aceitação dos novos elementos culturais da área colonizada.

E muito depois do Govêrno Geral, depois da autoridade, da imposição oficial da cultura portuguêsã, continuaram muitos portuguêses com as práticas da vida indígena, a caçar e a pescar ao modo dêles, a comerem por gôsto dos mantimentos da terra, a fumar a erva santa, a preferirem a farinha da terra ao pão de trigo.

Em 1560, o jesuíta Ruy Pereira, não refreando o seu entusiasmo pelas cousas da nova terra faz um cotejo entre as cousas do Brasil e Portugal com vantagens para as nossas, as vêzes exageradas, mas que positivamente é uma afirmação

(11) Capistrano de Abreu — O Descobrimento do Brasil — Edição da Sociedade dos Amigos de Capistrano de Abreu — Pág. 322.

dessas qualidades de adaptação do colonizador luso, aceitando de logo, muitas vezes a custa de verdadeiro repúdio dos seus próprios elementos culturais, os novos, preferidos muitas vezes e até procurados com sofreguidão. Vale a transcrição do texto do jesuíta, citado por Oliveira Viana (12).

“E por amor de Christo lhes peço que percam a má opinião que tinham do Brasil, tinham porque lhes falo a verdade, si houvesse paraíso na terra, eu diria que agora havia no Brasil. Si tem em Portugal galinhas, cá as há muitas e mais baratas; se tem carneiros, cá há tantos que caçam nos matos e de tão boa carne que me rio muito de Portugal em essa parte. Si tem vinho há tantas águas que a olhos vistos me acho melhor com elas que com os vinhos de lá. Si tem pão cá o tive eu por vezes fresco e comia antes do mantimento da terra que declaro ser mais sã a farinha da terra que o pão de lá; pois as frutas coma quem quizer as de lá das quais cá temos muitas que eu com as de cá me quero”.

Também o Padre Nóbrega não escapou a sedução das coisas da nova terra e na carta ao Padre Simão Rodrigues onde exproba a maneira de viver dos portugueses, homens que aqui vivem não acham outro modo sinão viver do trabalho dos escravos, que pescam e vão buscar-lhes o alimento, tanto os domina a preguiça e são dados a cousas sensuais e vícios diversos e nem curam de estar excomungados possuindo ditos escravos.

Também êle, o primeiro missionário, o educador, fiel como mais ninguém, à sua cultura, ao seu Deus e ao seu Rei, acreditava nas virtudes medicinais do fumo, a herva santa e pelo modo como a ela se refere, vê-se que era com algum esforço que resistia a tentação de umas pitadas.

“Todas as comidas são muito difíceis de desgastar, mas Deus remediou isto com uma herva cujo fumo muito ajuda à digestão e digo também que teria dela precisão por causa da humidade e do meu catharro. (13)

(12) Oliveira Viana — Evolução do Povo Brasileiro — Pág. 77 — 3ª edição — Livraria Editora Nacional.

(13) Cartas Jesuíticas — Informações, fragmentos, sermões do Padre Joseph Anchieta 1554-1594 — Publicação da Academia Brasileira de Letras.

O fumo como a mandioca, como que foram os elementos materiais da cultura dos índios que maior influência exerceram entre os colonizadores no primeiro século e logo aos primeiros contatos.

Se o fumo ajudava a suportar a humidade, curava o catharro não sabemos nem queremos duvidar, mas que sem a mandioca não teria sido possível a sobrevivência no principio da colonização, estamos certos. Para comer a farinha, não seria necessário vencer a repugnância de que devem ter sofrido os primeiros portuguezes ao assistirem os índios, se deliciarem com o sabor de certos vermes das palmiras, da carne crua da caça quasi viva, das práticas da antropofagia.

Gabriel Soares de Souza dando a sua notícia sôbre a mandioca, diz com a sua autoridade de Senhor de Engenho com a experiência de tantos anos no Brasil; "concluamos que o mantimento dela é o melhor que se sabe, tirado o do bom trigo, porque pão de trigo do mar, de milho, de centeio, de cevada, não presta a par da mandioca, arroz, inhames e côcos.

Milho da Guiné se dá na Bahia, como adiante se verá, mas não se tem lá por mantimento, e ainda digo que a mandioca é mais sadia e proveitosa que o bom trigo, por ser de melhor digestão. E por se averiguar por tal, os governadores Tomé de Souza, D. Duarte e Mem de Sá não comiam no Brasil pão de trigo, por se acharem bem com êle, e assim o fazem muitas pessoas. (14)

Também Joseph de Anchieta, o apóstolo do Brasil, o símbolo das qualidades modificadoras da colonização portugûesa, o catequista, o educador, também a êle não passou despercebida a necessidade de adaptar-se um pouco, aos costumes da terra, no beneficio da obra de cristianização.

E descrevendo os costumes dos índios e os casamentos contraídos diz: o matrimônio com os mesmos parentes e primos se torna difficilimo, se porventura queremos admiti-los ao ba-

tismo, achar mulher que, por causa do parentesco de sangue, possa ser tomada por espôsa.

O que não pequeno embaraço nos trás; portanto não podemos admitir e receber o batismo à que se conserva manceba.

Por isso parece grandemente necessário que o direito positivo se afrouxe nestas paragens, de modo que a não ser o parentesco de irmão com irmã, possam em todos os graus contrair casamento, o que é preciso que se faça em outras leis da Santa Madre Igreja, às quais, se as quizermos presentemente obrigar, é fora de dúvida que não quererão chegar-se ao culto da fé christã.

Tal atitude em face dos princípios reguladores de conduta moral e religiosa, consagrados no direito da época, como resultado de costumes praticados durante séculos, revela a sabedoria do apóstolo a serviço da obra da catequese, da colonização.

Ja no fim do 1º século em 1591 como se vê nos autos da primeira visitação do Santo ofício às Partes do Brasil, vamos encontrar confissões que a despeito da atitude de arrependimento do confessante, bem indicam a tendência do português a igualar-se com os nativos.

Muitos portugueses da Bahia acorreram ao chamado do Santo Ofício para confessar culpas e pecados de gentilidade.

E embora declarassem não ter tenção de gentio desfiam diante dos inquisidores, além das práticas naturais da convivência, participação mais direta nos hábitos e costumes dos índios tais como em cerimônias religiosas, práticas sexuais, e aquêles pecados de que tanto se arrependiam de se deixarem pintar, tingir, e tatuar a maneira deles.

Também na India, como destaca o Sociólogo Gilberto Freyre, em sua conferência em tórno de um novo conceito de tropicalismo, outros portugueses adotavam os costumes dos

nativos, as suas roupas, as suas comidas e também como no Brasil não só o homem comum, mas até mesmo os Santos.

No dizer do Mestre da Sociologia Brasileira, consta da legenda de S. João de Brito que o Santo se deixava pintar de pardo para se parecer com os indianos. Também na Bahia muitos portugueses para ficarem iguais aos índios se pintaram de vermelho.

Assim é que na confissão de Manoel Branco se lê: “no dito sertão se riscou e mandou riscar por hum negro segundo o costume dos gentios deste Brasil os quais se costumão riscar com arvores pello corpo como ferretes cortados na carne que ficam perpetuos, significando que são gentios valentes e cavaleiros e isto fez ele confessante parvamente sem tenção de ser gentio; e perguntado que pessoas mais viu fazer as ditas cousas ou outras pertencentes a esta mesa, respondeu que Antonio Dias, mameluco, e Balthazar de Leoni, correiro, que foram para Pernambuco se riscarão e segundo o dito uso gentilico e ele confessante os vio riscados, porém não sabe a tenção com que o fizeram.

O confessante era mameluco, bem como Antonio Dias, mas Balthazar certamente era português, pois se não o fosse estaria declarado no documento.

Na confissão, Domingos Fernandes, sendo perguntado que outras pessoas viu na dita sua companhia fazer o mesmo que ele fez outras cousas semelhantes, respondeu que vio o dito Capitão Cristovão da Rocha dar aos gentios que são inimigos dos brancos e quando podem os guerreiam e matam hum instrumento de guerra bandeira de seda, tambor, cavallo, egoa, espingarda, espada e assim se dizia que dera uma botija de polvora e o vio tismado pelo pescoço com tinta de genipapo ao costume gentilico e lhe vio ter cinco mulheres ao modo gentilico.

Mas essa facilidade em aceitar a cultura dos indigenas, praticando os seus costumes, longe de demonstrar uma passividade inferior, afirma-se pelo contrário como qualidade

de adaptação. E graças a essa disposição, homens como o Capitão Cristovão da Rocha, puderam conviver com os índios, ter quantas mulheres quizessem, realizando a formidável façanha de povoar êste imenso país, criando formas novas de sociedade e de cultura com processos próprios. Processos portugueses, europeus, peninsulares e cristãos e como acentua o mestre Gilberto Freyre “ao seu modo plurais, isto é, com considerável aproveitamento dos valores nativos e considerável tolerância de crédos, etiquetas e substâncias acatólicas. (15)

(15) Gilberto Freyre — Em tórno de um novo conceito de tropicalismos — Conferência Edição da Universidade de Coimbra.